

O VELHO DO RIO SEM NOME

Vítor Burity da Silva

(abraça-me, tia)

Não mais que algumas horas a fabricar esta eutanásia. Um dia os sonhos cumpridos, como desígnios da verdade num som calado, estância de venenos a corromperem os dias enjaulados neste crematório de pensos. Acredito nas acácias plantadas por jardim algum sob traves verdes coladas a estacas e varas de lonas compridas a bailarem, distantes, enquanto ventos as façam dançar, o ritmo inócuo das palavras sucumbindo sem sabor, um dissabor vulgar:

– *Não fales.*

Talvez durma, enquanto os tempos navegam sobre as minhas quimeras azuis, o desígnio das minhas sentenças sobre esta cama de anos desacate sobre um resto comum, a ver rebentar-se-me nos olhos o espelho da alma, poucas horas, acredito, cheguem para que me defina, assim serei eu deitado nos escombros do tempo, porque em cada janela um escombro, um maremoto, o vendaval solto nas mais insípidas memórias, um vento solto e livre nas lezírias, talvez durma se conseguir esquecer-te, neste resto acumulado de vontades afogadas.

E esfregam-se em cópulas, distraídos, rangendo as ânsias deste calor esquecido, ao longe o passado nada incómodo, olhos ocultos e janelas sem dono espiam-nos, os corpos fogem num torpor,

distraídos, sem nome, que importa o nome, a carne vicia, naufraga degelos ungidos, o corpo sem roupa, faz-se amor sem roupa qualquer dia, como já foi, idos anos e anos, e hoje só se sonha amor amando, distraídos, como se as coisas se perdessem da razão.

– *Não fales!*

O vendaval sobre a lezíria, o cume das árvores descansa se puder, talvez consiga evitar um esforço, a vida não é fácil, um dia comera desta terra vermelha ao chuveirar bem cedo, a tia Andreia lá fora aos gritos:

– *Meninos, venham para dentro!*

Um fresco na pele onde gritos ensurdecem nadava na sombra, remava na terra como esquilos sem neve, a torre dos crepúsculos dizia da igreja fechada a esta hora, o padre para mim, obedecem aos mais velhos, meninos!, ouvia, indo na mesma, obedeço sim, qual resposta, a areia nos poros, encardidos os joelhos, sem sapatos os pés rasgavam os quilos de tempo sem notar sequer, coitada da mãe, nada consegue, hoje ninguém consegue, a vida assim, um dia há tudo e nada faz parte de nada, cada um sonha acordado, que se lixem pais, mas não rua agora, não corpo agora, nada, talvez o grito de goivos, um telex nada, escrevia antigamente, nada agora, ninguém, vejo e computo, dizes que é mentira:

– *Abraça-me, tia!*

Sou filho sem amor, a morte roubava o tempo, e preso nestes silêncios recordados do desalento, do desencanto, a minha madrastra velha, nas costas da cadeira mais velha ainda, os olhos arrumados a um canto da cara, espera-a o destino, a vida tem passado e recorde, ainda a criança a gatinhar pela sala ou aos gritos por não querer a papinha, velha ela hoje, ainda a vejo, debruça-se quando consegue para ver os sinos tocarem ele partiu, não sei que pensa, imagino, experiência ao vê-la, sinto-lhe o pensamento como se a memória não morresse nunca, e correrias desenfreadas nesta terra sem lume mas quente, fecha os olhos como se o destino lhe trouxesse o

passado adorado, quem não errou, meu deus, não sei de contas dos outros, mas, humano, perdoo, quantas vezes chorara sozinho quero a minha mãe, quantas vezes sem ninguém sentado a um canto do quintal, a mãe está viva?

– *Come a papinha, menina.*

Amores a mais para uns que para outros, os meus olhos descansam na lezíria, habitam-me ideias, nada farei, sei que nada vale já fazer, quantas pás sobre ti se é verdade a areia que te cobre.

– *Não fales.*

Sinto como escorrem as bocas dos rios, como viajam sozinhos pelo norte abaixo, zangados com barreiras, lindos como um breu esquecido nos armários da casa onde moravas, sinto o sol ardente e as tuas mãos, este desejo jamais esquecido, penso, e procuro ainda nem sei como, seguindo apenas recursos vãos nesta casa que seja, pergunto e respostas nem nada, o meu tio viaja na lambreta de duas velocidades, eu na lambreta nas insónias, sinto como escorrem os dias nesta busca nunca inventada, nem quero mais que isso, o prospeto da verdade, a luz súbita da verdade, a verdade a cores e viva, não te encontro, mas que me move nesta garra esfriada pela ordem natural das coisas que é a vida no sentido da palavra, digo eu, a morte busca-nos assim que entende fazê-lo e nem com licença, senhor doutor, não morri mas vivi dolorosos momentos num pranto de morte.

A escuridão de um quarto, oca, ou se o teu leito nas trincheiras, esta noite quero afogar-me nos teus olhos e mergulhar-te pela alma, sei que me perdi num dia onde me encontrei, mas amanhã quero encontrar-me nos teus desejos, saber beber dos teus beijos, ou na floresta dos teus medos esconder-me para que a noite não me veja, vou esconder-me nas águas que se distam, sei como o meu olhar te peregrina.

A preguiça descai-me pelas costas como o sumo das palmeiras, inclino-me para a frente, resguardo-o na caminhada, pela

caminhada há sede, o calor devora a saudade, não o frio, na cama, tapo-me, cobrir-me dos ventos cruzados, as árvores como varejeiras de um lado para o outro, não tombam para as terras alvoroçadas, dançam, a janela como um quadro não surdo, engole o barulho do tempo, rastejam restos abandonados pelo alcatrão esquecido:

– *Sabes, Sónia, detesto o frio!*

Sinceramente, não gosto de viver amargurado nem cansado sem fazer nada, neste quarto com o aquecimento ligado, dobrando os silêncios, a memória não dorme, nem um chá me aquece, não esqueço.

Os taipais gritam, o zinco brilhante nos telhados, sabe-me a sol este desejo, o suco das palmeiras, o molho do dendê no prato, e beber a missanga da tia, bem gelada:

– Detesto o frio!